

A lenda de Gaia, ou do Rei Ramiro, segundo o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*

TITULO XXI

D'EL REI RAMIRO, DONDE DECENDEO A GEERAÇOM DOS BOOS E NOBRES FIDALGOS DE CASTELA E PORTUGAL, E D'ALGÛUS FEITOS QUE ELE E OS QUE DELE DESCENDERAM FEZEROM

A

1. ¹Houve ùu rei em Leom de grandes feitos a que chamarom rei Ramiro, o segundo; ²e o por que lhe chamarom segundo foi porque houve i outro rei Ramiro que foi ant'ele; ³e outro houve i rei Ramiro, o terceiro. ⁴Este rei Ramiro, o segundo, decendeo da linha direita d'el rei dom Afonso, o Catolico, que cobrou a terra a Mouros, depois que foi perdida por rei Rodrigo, ⁵como se mostra no titulo III, dos reis gentiis de Persia e dos emperadores de Roma, parrafo 7^o.

⁶Rei Ramiro, o segundo, ouvio falar da fermosura e bondades de ùa moura, e em como era d'alto sangue e irmãa d'Alboazar Alboçadam, filhos de dom Çadam Çada, bisneto de rei Aboali, o que conqueero a terra no tempo de rei Rodrigo. ⁷Este Alboazare Alboçadam era senhor de toda a terra des Gaia ataa Santarem, ⁸e houve muitas batalhas com cristãos, e estremadamente com este rei Ramiro. ⁹E rei Ramiro fez com ele grandes amizades, por cobrar aquela moura // que ele muito amava. ¹⁰E fez enfinta que o amava muito, e mandou-lhe dizer que o queria veer por se haver de conhecer com ele, por as amizades seerem mais firmes. ¹¹E Alboazer Alboçadam mandou-lhe dizer que lhe prazia delo e que fosse a Gaia e que i se veria com el.

¹²E rei Ramiro foi-se la em tres galees com fidalgos, e pediu-lhe aquela moura, que lha desse, e fa-la-ia

59 v

XXI A : T₁A₂C.

FEZEROM] FEZERAM T₁ FIZEROM C.

1 ⁶fermosura] fermosura T₁ || e bondades de ùa moura] de ùa m. e de sas b. A₂ || e

cristãa e casaria com ela. ¹³E Alboazer Alboçadam lhe respondeo: «Tu tões molher, e filhos dela, e es cristão. ¹⁴Como podes tu casar duas vezes?». ¹⁵E el lhe disse que verdade era, mais que ele era tanto seu parente, da rainha dona Aldora, sa molher, que a Santa Egreja os parteria. ¹⁶E Alboazer Alboçadam jurou-lhe por sa lei de Mafomede que lha nom daria por todo o reino que ele havia, ca a tiinha esposada com el rei de Marrocos.

¹⁷Este rei Ramiro trazia ùu grande astrologo consigo que havia nome Aaman, e per suas artes tirou-a ùa noite donde estava e levou-a aas galees que i estavam aprestes. ¹⁸E entrou rei Ramiro com a moura em ùa galee, e a esto chegou Alboazer Alboçadam, ¹⁹e ali foi a contenda grande antre eles, e desperecerom i dos de rei Ramiro XXII dos bõos que i levava, e da outra companhia muita. ²⁰E el levou a moura a Minhor, depois a Leom, e bautizou-a e pos-lhe nome Artiga, ²¹que queria tanto dizer naquel tempo, como castigada e ensinada e comprida de todolos bões.

²²Alboazer Alboçadam teve-se por mal viltado desto e pensou em como poderia vingar tal desonra. ²³E ouvio falar em como a rainha dona Aldora, molher de rei Ramiro estava em Minhor, postou sas naos e outras velas o melhor que pode, e mais encuberto, ²⁴e foi aaquele logar de Minhor e entrou a vila, e filhou a rainha dona Aldora, e meteo-a nas naos com donas e donzelas que i achou e d'outra companhia muita, ²⁵e veo-se ao cas//telo de Gaia, que era naquele tempo de grandes edificios e de nobres paaços. 60 r

²⁶A el rei Ramiro contarom este feito, e foi em tamanha tristeza, que foi louco ùus doze dias. ²⁷E como cobrou seu entendimento, mandou por seu filho, o ifante dom Hordonho, e por algũus de seus vassalos que entendeo que eram pera gram feito, ²⁸e meteo-se

bondades] *om.* C || Alboazar] Alboazer T₁ || ²¹que^s] *om.* T₁ || veria] viria C || ¹⁵Aldora] Aldonça C || parteria] partaria C || ¹⁶Mafomede] Mafamede C || el rei] rei T₁ || ¹⁷consigo] *om.* T₁ || donde estava] *om.* A₂C || aprestes] prestes C || ¹⁹i dos de Rei R. XXII dos b. que i levava] muitos de r. R. e dos b. que i l. XXII A₂ || e da outra companhia muita] *om.* A₂ || ²⁰E el] E com todo A₂ || ²¹como] *om.* T₁C || ²³Aldora] Aldonça C || postou] prestou C || ²⁴Aldora] Aldonça C || d'outra] da outra T₁ || companhia] companhia A₂C ||

com eles em cinco galees, ca nom pode mais haver. ²⁹El nom quis levar galiotes, senom aqueles que entendeo que poderiam reger as galees, e mandou aos fidalgos que remassem em logar dos galiotes. ³⁰Esto fez el, porque as galees eram poucas e por irem mais dos fidalgos e as galees irem mais apuradas pera aquel mester por que ia. ³¹E el cubrio as galees de pano verde e entrou com elas por Sam Johane de Furado, que ora chamam Sam Johane da Foz.

³²Aquele logar, de ãa parte e da outra, era a ribeira cuberta d'arvores, e as galees encostou-as sô os ramos delas, e, porque eram cubertas de pano verde, nom pareciam. ³³El deceo de noite a terra com todolos seus, ³⁴e falou com o ifante que se deitasse a-sô as arvores o mais encubertamente que o fazer podesse e per nem ãa guisa nom se abalassen ataa que ouvissem a voz do seu corno, ³⁵e, ouvindo-o, que lhe acorressem a gram pressa.

³⁶El vistio-se em panos de tacanho, e sua espada e seu lorigom e o corno sô si, e foi-se soo deitar a ãa fonte que estava sô o castelo de Gaia. ³⁷E esto fazia rei Ramiro por veer a rainha sa molher, pera haver conselho com ela, ³⁸em como poderia mais compridamente haver dereito d'Alboazar Alboçadam e de seus filhos e de toda sa companha, ³⁹ca tiinha que pelo conselho dela cobraria todo, ca cometendo este feito em outra maneira, que poderia escapar Alboazer Alboçadam e seus filhos. ⁴⁰E, porque ela era de gram coração, poinha em esta guisa seu feito em gram ventura. ⁴¹Mas as cousas que som ordenadas de Deus veem aaquelo que a ele praz, e nom assi como os homêes pensam.

⁴²Aconteceo assi que Alboazar // Alboçadam fora correr monte contra Alafaões, ⁴³e ãa sergente que havia nome Perona, natural de França, que levarom com a rainha, servia ant'ela, ⁴⁴levantou-se pela manhã, assi como havia de costume de ilhe ir pol'agua pera as mãos aaquela fonte, ⁴⁵achou i jazer rei Ra-

60 v

³⁰por que ia] pera q. ia C || ³¹el] el rei A₂ || ³²a ribeira cuberta] c. a r. A₂ || encostou-as] encostav'as C encostava-as A₂ || pano verde] panos verdes A₂C || ³⁴deitasse] deitassem T₁ || a-sô] a soo C || ³⁶em panos] a p. C || ³⁸em como] como A₂C || ³⁹Alboçadam] om. A₂ ||

miro, e nom no conheceo. ⁴⁶E ele pedio-lhe per aravia da agua, por Deus, ca se nom podia dali levantar. E ela deu-lha por um acéter. ⁴⁷E ele meteo ùu camafeu na boca, e aquel camafeu havia partido com sa molher a rainha per meatade, e ele deu-se a beber, e deitou o camafeu no acéter. ⁴⁸E a sergente foi-se e deu a agua aa rainha. ⁴⁹E ela vio o camafeu e conheceu-o logo. ⁵⁰E a rainha preguntou quem achara no caminho, e ela respondeo que nom achara nenguem. ⁵¹E ela lhe disse que mentia, e que lho nom negasse, e que lhe faria bem e mercee. ⁵²E a sergente lhe disse que achara i ùu mouro doente e lazerado, e que lhe pedira da agua, que bevesse, por Deus, e que lha dera. ⁵³E a rainha lhe disse que lhe fosse por ele e o trouvesse encubertamente.

⁵⁴E a sergente foi la e disse-lhe: «Homem pobre, a rainha minha senhora vos manda chamar. ⁵⁵E esto é por vosso bem, ca ela mandará pensar de vós». ⁵⁶E rei Ramiro respondeo sô si: «Assi o mande Deus». ⁵⁷E foi-se com ela e entraron pela porta da camara. ⁵⁸E conhece-o a rainha, e disse-lhe: «Rei Ramiro, que te adusse aqui?». ⁵⁹E ele lhe respondeo: «O vosso amor». ⁶⁰E ela lhe disse: «Veeste morto». ⁶¹Ele lhe disse: «Pequena maravilha, pois o faço por vosso amor». ⁶²E ela respondeo: «Nom me has tu amor, pois daqui levaste Artiga, que mais preças que mim. ⁶³Mais vai-te ora pera essa tracamara, e escusar-me-ei destas donas e donzelas, e ir-m'ei logo pera ti». ⁶⁴A camara era d'abóveda; e como rei Ramiro foi dentro, fechou ela a porta com ùu gram cadeado.

⁶⁵E, ele jazendo na camara, chegou Alboazer Alboçadam e foi-se pera a sa camara, ⁶⁶e a rainha lhe disse: «Se tu aqui tevesse rei Ramiro, que lhe farias?». ⁶⁷O mouro respondeo: «O que ele faria a mim: mata-lo com grandes // tormentos». ⁶⁸E rei Ramiro ouvia tudo. ⁶⁹E a rainha disse: «Pois, senhor, aprestes o

⁴⁰poinha] puinha T_1 || ⁴³Perona] Prona A_2 || ⁴⁴manhã] menhã C || ⁴⁶pedio-lhe] pidio-lhe C || agua] agoa C || ca] que A_2C || ⁴⁷meatade] a metade A_2 metade C || ⁴⁸agua] agoa C || ⁵¹ela] a rainha A_2 || que lhe] lhe A_2 || ⁵²que lhe] lhe T_1 || ⁵³E] *om.* A_2 || lhe disse] disse A_2 || trouvesse] trouxesse A_2C || ⁵⁷E] *om.* T_1C || ⁵⁸disse-lhe] disse T_1C || ⁶⁴abóveda] aboboda C || ⁶⁵Alboçadam] *om.* A_2 || a sa] essa A_2C || ⁶⁹aa ta] aa tua T_1A_2 a tá C ||

têes, ca aqui está em esta trascalara fechado, e ora te podes dele vingar aa ta vontade». ⁷⁰E el rei Ramiro entendeu que era enganado per sa molher, e que ja dali nom podia escapar senom per arte algũa. ⁷¹E maginou que era tempo de se ajudar de seu saber, ⁷²e disse a gram alta voz: «Alboazer Alboçadam, sabe que eu te errei mal. Mostrando-te amizade, levei da ta casa ta irmãa, que nom era da minha lei. ⁷³Eu me confessei este pecado a meu abade, e ele me deu em pendenza que me veesse meter em teu poder o mais vilmente que podesse. ⁷⁴E se me tu matar quisesses, que te pedisse que, como eu fizera tam gram pecado ante a ta pessoa e ante os teus, em filhar ta irmãa, mostrando-te boo amor, que bem assi me desses morte em praça vergonhosa. ⁷⁵E porquanto o pecado que eu fiz foi em grandes terras soado, que bem assi a minha morte fosse soada por ùu corno e mostrada a todos os teus. ⁷⁶E ora te peço, pois de morrer hei, que faças chamar teus filhos todos e filhas e teus parentes e as gentes desta vila, ⁷⁷e me faças ir a este curral, que é de grande ouvida, e me ponhas em lugar alto, ⁷⁸e me leixes tanger meu corno que trago pera esto, a tanto ataa que me saia a alma do corpo. ⁷⁹E em nesto filharás vingança de mim, e teus filhos e parentes haveram prazer, e a minha alma será salva. ⁸⁰Esto me nom debes de negar, por salvamento de minha alma, ca sabes que, per ta lei, debes salvar, se poderes, as almas de todas as leis». ⁸¹Esto dizia el por fazer viir ali todos seus filhos e parentes, por se vingar deles, ⁸²ca em outra guisa nom os poderia achar em ùu, e porque o curral era alto de muros e nom havia mais que ùia porta per u os seus haviam d'entrar.

⁸³Alboazer Alboçadam pensou no que lhe pedia, e filhou dele piedade, ⁸⁴e disse contra a rainha: «Este homem rependido é de seu pecado. ⁸⁵Mais hei eu erra//do a ele, que ele a mim. ⁸⁶Gram torto faria

51 v

⁷²levei da ta casa] levei-te de c. C || ⁷⁴morte] a m. A₂C || ⁷⁵que] om. A₂C || por ùu corno e mostrada a todos os teus] e m. a t. os t. por um c. A₂ || ⁷⁸a alma] o folgo e a alma A₂ || ⁷⁹em nesto] em esto T₁ nesto C || haveram] haverom C || ⁸¹seus] os seus

em o matar, pois se põem em meu poder». ⁸⁷A rainha respondeo-lhe: «Alboazer Albodaçam, fraco de cora-
gom! ⁸⁸Eu sei quem é rei Ramiro, e sei de certo se
o asalvas de morte que lhe nom podes escapar, que
a nom prendas dele, ca ele é arteiroso e vingador,
assi como tu sabes. ⁸⁹E nom ouviste tu dizer como
ele tirou os olhos a dom Hordonho, seu irmão, que era
moor ca el de dias, por o deserdar do reino? ⁹⁰E nom
te acordas quantas lides houveste com ele, e te ven-
ceo e te matou e cativou muitos boos? ⁹¹E ja te
esqueceo a força que te fez de ta irmãa, e em como
eu era sa molher me trouveste, que é a moor desonra
que os cristãos podem haver? ⁹²Nom és pera viver
nem pera nada se te nom vingas. ⁹³E se o tu fazes por
tua alma, por aqui a salvas, pois é homem doutra lei
e é em contrairo da tua. ⁹⁴E tu da-lhe a morte que te
pede, pois ja vem conselhado de seu abade, ca gram
pecado farias se lha partisses».

⁹⁵Alboazer Alboçadam olhou o dizer da rainha e
disse em seu coraçom :«De maa ventura é o homem
que se fia per nem ãa molher. ⁹⁶Esta é sa molher
lidima, e tem ifantes e ifantas dele, e quer sa morte
desonrada! ⁹⁷Eu nom hei por que dela fii. ⁹⁸Eu alon-
ga-la-ei de mim». ⁹⁹E pensou em no que lhe dizia a
rainha, em como rei Ramiro era arteiroso e vingador,
e receou-se dele se o nom matasse. ¹⁰⁰E mandou cha-
mar todolos que eram naquele logar, e disse a rei
Ramiro: ¹⁰¹«Tu veeste aqui e fezeste gram loucura,
ca nos teus paaços poderas filhar esta peendencia. ¹⁰²E
porque sei, se me tu tevesse em teu poder, que nom
escaparia aa morte, eu quero-te comprir o que me
pedes por salvamento de tua alma». ¹⁰³Mandou-o tirar
da camara e levou-o ao curral, e poe-lo sobre ãu
gram padrom que i estava, e mandou que tangesse
seu corno a tanto ataa que lhe sahisse o folego. ¹⁰⁴E
el rei Ramiro lhe pedio que fizesse i estar a rainha
e as donas e donzelas e // todos seus filhos e seus
parentes e cidadãos naquel curral. ¹⁰⁵E Alboazer Albo-
çadam feze-o assi.

62 r

A₂C || ⁸²em ãu] nenhum C || ⁸⁴rependido] arrendido A₂C || ⁹⁵fia per] fia de C || ¹⁰²pedes]
pediste C || ¹⁰³Mandou-o] Mandou T₁ || [a tanto] tanto A₂ || ¹⁰⁴filhos e seus parentes e]

¹⁰⁶E rei Ramiro tangeo seu corno a todo seu poder pera o ouvirem os seus. ¹⁰⁷E o ifante dom Ordonho, seu filho, quando ouvio o corno, acorreo-lhe com seus vassalos, e meterom-se pela porta do curral. ¹⁰⁸E rei Ramiro deceo-se do padram donde estava, e veo contra o ifante e disse-lhe: ¹⁰⁹«Meu filho, vossa madre nom moira, nem as donas e donzelas que com ela veerom, e guardade-a de cajom, ca outra morte merece» ¹¹⁰Ali, tirou a espada da bainha e deu com ela a Alboazer Alboçadam per cima da cabeça, que o fendeo ataa os peitos. ¹¹¹Ali, morrerom quatro filhos e tres filhas d'Alboazer Alboçadam, e todos os mouros e mouras que estavam no curral, ¹¹²e nom ficou em essa vila de Gaia pedra com pedra, que todo nom fosse em terra. ¹¹³E filhou rei Ramiro sa molher com sas donas e donzelas e quanto haver achou, e mete-o nas galees.

¹¹⁴E despois que esto houve acabado, chamou o ifante seu filho e os seus fidalgos, e contou-lhes todo como lhe aveera com a rainha sa molher, e el que lhe dera a vida por fazer dela mais crua justiça na sa terra. ¹¹⁵Esto houverom todos por estranho, de tamanha maldade de molher, e ao ifante dom Ordonho sairom as lagremas pelos olhos, e disse contra seu padre: ¹¹⁶«Senhor, a mim nom cabe de falar em esto, porque é minha madre, senom tanto que oulhees por vossa honra».

¹¹⁷Entrarom entom nas galees e chegarom aa Foz d'Ancora e amarrarom sas galees por folgarem, porque haviam muito trabalhado aqueles dias. ¹¹⁸Ali, forom dizer a el rei que a rainha siia chorando. ¹¹⁹E el rei disse: «Vaamo-la veer». ¹²⁰Foi la e preguntou-lhe porque chorava, ¹²¹e ela respondeo: «Porque mataste aquele mouro, que era melhor que ti». ¹²²E o ifante disse contra seu padre: «Esto é demo. Que queeres dele, que pode seer que vos fugira?» ¹²³E el rei mandou-a entom amarrar a ùa moo // e lança-la no mar. E des aquele tempo lhe chamou Foz d'Ancora. ¹²⁴E por este pecado que disse o ifante dom Ordonho contra sa madre, disserom despois as gentes que por esso fora deserdado dos poboos de Castela.

62 v

om. C || ¹⁰⁵Alboçadam] om. A₂ || ¹⁰⁷acorreu-lhe] acodiu-lhe A₂ || ¹⁰⁸donde estava] om. C ||

¹²⁵Este deserdamento se mostra mais compridamente no título III, dos reis gentiis e dos Godos, parrafo 7º.

¹²⁶Rei Ramiro foi-se a Leom e fez sas cortes mui ricas, e falou com os seus de sa terra, e mostrou-lhes as maldades da rainha Alda sa molher, e que ele havia por bem de casar com dona Artiga, que era d'alto linhagem. ¹²⁷E eles todos a ùa voz a louvarom e o houverom por bem, porque dissera por ela o grande estrologo Aman que ela era pedra preciosa antre as molheres que naquele tempo havia. ¹²⁸E ainda disse mais que tanto havia de seer boa cristãa, que Deus por sua honra lhe daria geeraçom de homêes boos e de grandes feitos e aventurados em bem. ¹²⁹E bem parece que Aman disse verdade, ca ela foi de boa vida, e fez o moesteiro de Sam Juliam e outros hospitaes muitos, ¹³⁰e os que dela decenderom forom muito compridos do que o grande astrologo disse, que foi Aman. ¹³¹Este Aman, por sa arte dizia mui compridamente as cousas que haviam de viir.

¹³²Este rei houve ùu filho em dona Artiga, que chamarom ifante dom Aboazer Ramirez. ¹³³Este chamarom por sobrenome Cide Aboazar, porque naquele tempo fez muitas lides com Mouros, ¹³⁴e tirou-os de Sam Romão e de Crasto d'Aveoso e de Crasto de Gondomar e de Todea e de todo Antre Doiro e Minho e d'Aalem dos Montes, contra Bragança, ¹³⁵e passou-os aalem Doiro a Lamego, a Sam Martinho de Mouros, e foi-os tirar de contra Coimbra.

¹³⁶E fez outra filha que chamarom dona Artiga Ramirez.

2. ¹Este Boazer Ramirez casou com dona Elena Godiiz, filha de dom Godinho das Esturas. ²Ela, com seu marido, fundarom o moesteiro de Sam Nicolao, a que ora chamam Santo Yisso de Riba d'Ave, ³e guardavam-no nas fazendas dom Guter Telez e dom Savarigo // Erit e dom Tra(i)tosende Torquides. ⁴Estes eram seus vassalos, e senhores de boos cavaleiros. 63 r

^{110a}] *om.* T₁C || ¹¹⁴ depois] depois T₁A₂ || ¹¹⁶senom] senam T₁A₂ || ¹²⁴E] *om.* A₂ || ¹²⁵dos Godos] G. T₁ || parrafo 7º] *acresc.* Depois de acabada esta fazenda, e morta a rainha dona Aldora e os Mouros, entom A₂ || ¹²⁶⁻¹³⁶Artiga] Ortiga C || ¹²⁶Alda] Aldora A₂ || ¹³⁰que foi Aman] *om.* A₂ || ¹³²⁻¹³³Ramirez ... Cide Aboazar] *om.* C || 2 ¹Boazer] Aboazer